



USO DE NARRATIVAS SOBRE ESPORTES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Euler de Oliveira Araújo¹

De forma bastante genérica, os esportes são apresentados como uma ferramenta de transformação social, principalmente para jovens periféricos e integrantes de famílias de baixa renda. Narrativas sobre atletas que vieram de periferias, pequenas cidades e vilarejos e que alcançaram relativo sucesso em suas modalidades são apresentadas em inúmeros casos pela mídia como possíveis “exemplos” de pessoas que alcançam determinado “sucesso”. Sem adentrar a questão da meritocracia, além do relativo sucesso a que são alçados os atletas em questão, muitos são engajados em causas sociais ou em narrativas que extrapolam apenas o aspecto da competição esportiva. No esporte em si, atletas, entidades esportivas e a mídia têm destacado cada vez mais questões políticas e sociais em seu meio. Temas como xenofobia, racismo, feminismo, desigualdade de gênero têm permeado cada vez mais o ambiente dos esportes e as abordagens discursivas dos atletas.

A proposta do presente trabalho visa utilizar de narrativas acerca dos esportes, atletas e usos políticos do esporte no ensino da História. Estas narrativas podem contribuir com o processo de ensino-aprendizagem assim como outros campos também são utilizados (peças teatrais, literatura, televisão e outros). Parte-se da premissa que o ensino de História na sala de aula pouco se utiliza do meio esportivo em seu currículo.

Esporte e contextos históricos

As competições esportivas, atualmente, fazem parte de um rentável mercado que envolve grande parte da estrutura neoliberal e de mercado, além de envolver governos e a mídia, representando interesses diversos. Trata-se de uma mercadoria da Indústria Cultural que chega a todos os cantos do planeta. E trata-se também de um instrumento

¹ Graduando em História. Faculdade de História UFG. E-mail: euleraraujo@ufg.br





político de grande valor, e fortemente utilizado como propaganda de regimes, governos e ideologias.

Porém o modelo e o formato de jogos com intenções políticas não podem ser atribuídos apenas aos dias atuais. As competições esportivas já ocorriam na antiguidade, desde os jogos promovidos pelas cidades gregas. O objetivo era criar um período de trégua entre as cidades em guerra.

Em 1896, tivemos a realização da primeira edição dos jogos olímpicos da era moderna, na cidade de Atenas. A partir desta edição, é possível identificar, em pelo menos três momentos distintos da história dos jogos olímpicos, os chamados *usos políticos*. Tais momentos destacados referem-se aos jogos de 1936, em Berlim; os jogos de 1980, em Moscou; e os de 1984, em Los Angeles.

Em 1936, o então Estado nazista alemão, estabelecido no pós-primeira guerra mundial sob o comando de Adolf Hitler, organizava os jogos que ocorreriam em Berlim. Tal contexto gerou uma intensa desconfiança dos países mais poderosos à época (Estados Unidos, França e Reino Unido) acerca de uma propaganda ao regime político que perseguia judeus e pregava uma supremacia racial. O então comitê olímpico alemão impedia que atletas de origem judaica participassem dos jogos, sob a bandeira do país. Hitler tinha um claro objetivo com os jogos realizados em Berlim: queria mostrar ao mundo a força do Estado nazista sobre seu governo e demonstrar a supremacia da raça ariana nas provas atléticas que seriam realizadas nos jogos (SIGOLI; ROSE Jr, 2004).

Mas a ideia de Hitler de provar a supremacia ariana fora frustrada em um dos momentos dos jogos pelo atleta norte-americano Jesse Owens, de origem afro-americana. Owens teria irritado a alta cúpula do regime nazista ao estabelecer onze recordes olímpicos e ganhar quatro medalhas de ouro, sendo considerado o grande nome e maior estrela dos jogos. Além de Owens, outros atletas afrodescendentes também obtiveram vitórias em relação aos atletas arianos. Nazário (2012) ressalta ainda que atletas japoneses e de outras etnias se mostraram superiores em diversas provas em relação aos atletas





alemães/arianos, conforme registrado pelo documentário “Olympia”, um filme produzido pelo regime nazista que fez registros sobre os jogos. Sobre o filme, ressalta ainda Nazário:

Nenhum concorrente é destacado: neste “filme esportivo” os atletas não existem como indivíduos, com seus medos e inseguranças; eles representam tão somente a nação a que pertencem. [...] Hitler, Goebbels e Goering, que apareciam torcendo na primeira parte do filme, estão ausentes de Fest der Schönheit, aparentemente decepcionados com alguns inesperados fracassos dos atletas da Alemanha, que falharam na conquista das medalhas de ouro. Muitos japoneses (não “arianos”) e negros americanos (de “raça inferior”) arrebatarem-lhes essas medalhas, humilhando a “raça superior”. A ausência de Hitler nessa segunda parte de Olympia parece indicar que o resultado dos Jogos não foi bem aquele que ele havia desejado. O evento não “merecia” mais seu entusiasmo (2012, p. 140).

Nos jogos de Moscou, em 1980, e de Los Angeles, em 1984, o acirramento da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética teve o seu auge em relação ao contexto esportivo. Houve um boicote de cada um dos países em relação aos jogos realizados em solo “inimigo”. Os Estados Unidos se recusaram a mandar a sua delegação de atletas até Moscou em 1980. Em contrapartida e retaliação, a União Soviética também não enviou sua delegação de atletas a Los Angeles em 1984. O estopim para a retaliação mútua ocorreu devido a uma invasão promovida pela União Soviética ao Afeganistão, em 1979. O então presidente dos Estados Unidos organizou o boicote de 61 países aos jogos de Moscou. Diante do boicote, a União Soviética e uma quantidade menor de países também boicotaram os jogos de Los Angeles, em 1984.

Saindo dos jogos olímpicos, outra relação entre esporte e política, a título de exemplo, ocorreu no Brasil durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985). No período de transição do governo Figueiredo (1979 -1985), a *Democracia Corinthiana* ficou conhecida como o movimento de atletas do Sport Clube Corinthians Paulista, que estabeleceu o voto no âmbito decisório do clube, incluindo uma participação ampla de todos os jogadores e demais pessoas do clube. Os atletas Sócrates, Casagrande, Zenon e Vladimir eram os principais nomes da democracia no âmbito esportivo em meio a um





regime antidemocrático. A força dos jogadores de um grande clube nacional teve influência e destaque também no âmbito social, como destacam Silva *et al* (2018, p. 26):

Dentro do país que é intitulado “país do futebol” e que vivia um momento histórico em sua política, um clube “grande” demonstra como a força desses jogadores pode influenciar dentro e fora do clube. Dentro do clube as regras mudaram e tudo era votado, até mesmo o massagista e roupeiro tinham o mesmo poder de voto de todos os outros. [...] No âmbito nacional, a Democracia Corinthiana participou de diversas manifestações acerca do momento político nacional, posicionando-se e brigando junto com a população pela democracia.

Ensino de História e uso de narrativas

O ensino da História atualmente enfrenta muitos desafios para que o aprendizado histórico seja alcançado, tendo-se acesso, cada vez mais, à utilização de ferramentas diversas e tecnológicas na sala de aula. Trata-se de uma tentativa de romper com o método tradicional de ensino-aprendizagem que é focado na figura do professor como um repassador de conteúdo.

Antes de tudo, o objetivo do ensino da História deve ser constituir uma ponte gradual, e não um fosso entre o que os alunos aprendem e o que historiadores produzem (BARCA, 2012). Essa relação tem-se tornado cada vez mais uma busca por aproximar o ensino básico da academia. Porém, o ensino da História também deve se aproximar do contexto social, político e cultural em que está envolvida a escola e seus sujeitos.

A História e o seu processo de ensino devem também auxiliar na construção do cidadão e na qualidade da sua cidadania. Pessoas, acontecimentos e determinados objetos e questões, quando bem compreendidas e guardadas, auxiliam na construção desse cidadão comprometido com objetivos da sua pátria, com o espírito público e interesses e projetos coletivos da sociedade, vinculando todos a um passado comum (CERRI, 2017).





O uso de narrativas faz com que a se chegue à consciência histórica, considerando que elas refletem uma comunicação coerente, pois existe uma ligação entre o comunicador e o receptor. As narrativas são produtos da mente humana ajudando as pessoas a se localizarem no tempo (RÜSEN, 2010). Ao narrar um fato ou acontecimento, tanto comunicador como receptor se envolvem mutuamente no enredo descrito, colaborando para que ambos consigam se situar no seu tempo. Narrar um fato trata-se de uma forma também consistente do processo de ensino-aprendizagem.

O aluno, ao entrar em contato com uma aula ou algum tema específico abordado, de certa forma aprende algo ali discutido. Porém, isso não significa dizer que seja o bastante ou que o aluno tenha sido tocado ou provocado. Não ocorre uma transformação instantânea do sujeito. O saber histórico não consegue promover o encontro de “homens no tempo” se tornando uma “enxurrada” de conhecimentos esparsos, acontecimentos, eventos e explicações. Ao se trabalhar com narrativas convida-se o sujeito a participar do processo, e em relação ao conhecimento histórico, a narrativa permite uma transformação radical da concepção de tempo histórico, permitindo uma proximidade incompleta, seletiva e limitada. Foge-se assim da ideia de uma narrativa em sentido positivista que exalta apenas os grandes feitos ou “grandes homens” (CORRÊA, 2011).

Conclusão

O esporte, independente da prática, é algo comum e próximo da realidade de jovens em todo mundo, seja na televisão ou na internet. O poder de influência que atletas possuem atualmente é gigante, extrapolando a casa dos milhões de seguidores, em sua maioria jovens.

Trazer questões que envolvam o meio esportivo para o ensino da História pode despertar o interesse maior pelo conhecimento. Diante da proximidade que os esportes têm na vida dos jovens é possível destacar que utilizar narrativas que envolvam acontecimentos esportivos relacionados aos processos políticos e históricos pode





contribuir com o ensino da História assim como outros campos narrativos que são utilizados, como a literatura, o teatro e a música.

O esporte, a sociedade e a política estão em vários aspectos e ocasiões intimamente ligados. Os debates e narrativas surgidas no meio esportivo também despertam uma grande possibilidade de desenvolvimento de questões a serem trabalhadas pelo ensino da História. A História enquanto disciplina e conteúdo responsável por trabalhar valores éticos e políticos pode se basear em narrativas que ocorreram no meio esportivo. A *Democracia Corinthiana*, por exemplo, pode ser um tema a ser trabalhado em sala de aula em relação ao ensino do período da ditadura civil-militar brasileira, por tratar da dimensão ética. Assim como os feitos de Jesse Owens nos jogos olímpicos de 1936 em relação à temática de racismo.

Mais recentemente diversos atletas influentes e que estão intimamente ligados aos jovens principalmente através das redes sociais têm se posicionado sistematicamente em variadas causas sociais. O exemplo mais recente foi em relação ao movimento *Black Lives Matter*, que teve ampla repercussão entre atletas como o jogador de basquete LeBron James e o piloto de Fórmula 1 Lewis Hamilton. As narrativas destas questões podem ter impacto positivo no ensino da História se tomadas como exemplo durante as aulas, já que envolvem pessoas que sistematicamente estão ligadas ao cotidiano de alunos que os acompanham na mídia tradicional ou pela internet.

O conhecimento histórico escolar não pode mais ficar limitado apenas ao currículo, ao livro escolar e ao saber acadêmico. É preciso também que o professor identifique o que as vivências dos alunos podem conduzir sobre a sociedade atual, a cultura e o que gira em torno da escola. Pode-se transitar perfeitamente pelos diferentes meios de comunicação, narrativas, concepções políticas, religiosas, práticas culturais a serem pautadas pelo ensino da História na sala de aula. As narrativas que envolvem atletas, jogos olímpicos e esportes em geral são apenas mais uma possibilidade para a promoção de aprendizagens históricas significativas e situadas no tempo.





Referências

BARCA, Isabel. Ideias chaves para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. **História Revista**. n. 1 v. 17. Goiânia, 2012, p. 37-51.

CERRI, Luis Fernando Um lugar na história para a didática da história. **História & Ensino**. v. 23, n. 3 Londrina, 2017, p. 11-30.

CORRÊA, Bianca Rodrigues. **Ensino de história e narrativa: potencialidades de uma imagem constelar**. 2011. 129 p. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251234>. Acesso em: 5 jan. 2021.

BRITTO, Marcelo de; MELO, Diogo Lopes dos Santos; PEREIRA, Joyce Viana. A História local do esporte como possibilidade metodológica. **Simpósio**, [S.l.], n. 6, fev. 2018. ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/simposio/article/view/666>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

NAZARIO, Luiz. O discurso ideológico de Olympia. **Aletria**, v. 22, n.2, Belo Horizonte, 2012, p. 137 – 147.

RÜSEN, Jörn. Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. In: **Jörn Rüsen e o ensino de história**. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende de (orgs.). Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SIGOLI, Mário André, ROSE JR., Dante de. A história do uso político do esporte. **R. Bras. Ci e Mov.**, 2004, 12(2): 111-119.

SILVA, Felipe Procópio; FRONCILLO, Adriano Vicente; ROSSINI, Guilherme Ferreira; PIMENTA, Henrique; ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de. Influências do movimento democrático no Corinthians e os reflexos no futebol e no momento político do país. **Sport Science**, 68 (1). 2018, p. 23-35. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/329075330> Influencia do movimento democratico no Corinthians e os reflexos no futebol e no momento politico do Brasil. Acesso em: 5 jan. 2021.

